# *"ATÉ A MULHER QUE EU QUERIA O DIABO ME DAVA"*: renúncia às lesbianidades em vídeos do TikTok[1]

# *"EVEN THE WOMAN I DESIRED, THE DEVIL GAVE ME": renunciation of lesbian identities in TikTok videos*

Dayane do Carmo Barretos[2]
Steyce Dayane Lopes[3]
Maria Clara Soares Rodrigues[4]
Kellen do Carmo Xavier[5]

***Resumo***: *Nesse artigo buscamos investigar os discursos sobre lesbianidades que circulam no TikTok em vídeos que abordam a renúncia da homossexualidade. Para isso, chamamos atenção para as características desta plataforma, com o intuito de compreender como elas definem as formas de circulação e as possibilidades para os conteúdos, afetando diretamente a constituição dos sentidos sobre as lesbianidades no âmbito social. Além disso, nos atentamos para a articulação entre esses discursos de renúncia e demonização da dissidência sexual com o conservadorismo e os argumentos religiosos de matriz cristã. Após buscarmos e categorizarmos os vídeos entre aqueles que aderem à renúncia e aqueles que a criticam, identificamos recorrências que nos permitiram compreender como a repetição de formatos de vídeos, de edição e de sons contribuem para a constituição normativa da sexualidade e para sua contestação.*

***Palavras-Chave:*** *Lesbianidades. TikTok. Renúncia. Discurso Cristão. Plataformização.*

***Abstract***: *In this article, we seek to investigate the discourses on lesbian identities circulating on TikTok in videos that address the renunciation of homosexuality. To this end, we draw attention to the characteristics of this platform in order to understand how they shape modes of circulation and the possibilities for content, directly affecting the social constitution of meanings about lesbian identities. In addition, we focus on the articulation between these discourses of renunciation and the demonization of sexual dissidence with conservatism and religious arguments rooted in Christian traditions. After collecting and categorizing the videos into those that adhere to renunciation and those that criticize it, we identified recurring patterns that allowed*

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001, do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Fapemig (projeto APQ-02813-24).
2 Professora permanente do PPGCOM/UFMG. Doutora em Comunicação Social pelo PPGCOM/UFMG e subcoordenadora do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL/UFMG). dayanecbarretos@gmail.com.
3 Mestranda no PPGSOCIO/UFPR, graduada em Comunicação Organizacional pela UTFPR e pesquisadora do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL/UFMG). Bolsista Capes. steyce6@gmail.com.
4 Mestranda no PPGCOM/UFOP, graduada em Jornalismo pela UFOP e pesquisadora do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL/UFMG). Bolsista Capes. mariaclarasoaresrodrigues@gmail.com
5 Professora do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas (DeCSA) da UEMG Divinópolis. Doutora em Comunicação pelo PPGCOM/UFMG e pesquisadora do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL/UFMG). kellencxavier@gmail.com

*us to understand how the repetition of video formats, editing styles, and sounds contributes both to the normative constitution of sexuality and to its contestation.*

***Keywords:*** *Lesbian identities. TikTok. Renounce. Christian discourse. Platformization.*

## 1. Introdução

Em um vídeo publicado no *TikTok* por um perfil que compartilha conteúdos virais, vemos uma adolescente vestida com uma camiseta branca larga e uma calça comprida bege, aos prantos. Sua mãe está atrás dela e aparece na cena, chorando e com a mão em suas costas. Enquanto isso, ouvimos um pastor dizer em voz alta "um demônio que gritou e disse assim 'muda seu sexo'. O cabelo 'tá' aqui [fazendo referência ao cabelo na altura dos ombros da menina], mas a vontade é cortar e deixar o cabelo igual ao meu". A menina balança a cabeça concordando, ainda chorando. Depois dessa introdução, o pastor segue aos gritos: "Jesus gritou na minha alma: vai casar com homem, vai ter filhos. A partir de hoje vai se vestir igual mulher, porque Jesus arranca o demônio lá de dentro agora". Na sequência, pergunta para a mãe se a menina já havia lhe dito alguma coisa e a mãe responde que ela contou que tinha desejo por mulheres. E o pastor responde: "a partir de hoje o seu desejo é mudado. Jesus está falando na minha alma. Eu tô vendo você maquiada, tô vendo você com cabelo grande, tô vendo você vestida igual mulher". Nos cinco segundos finais do vídeo a adolescente fala pela primeira vez, repetindo as falas que o pastor a instrui a dizer: "a partir de hoje minha vida é mudada, eu sou mulher e eu aceito o que Deus tem pra mim".

O vídeo tem a duração de 1 minuto e 26 segundos e possui mais de 130 mil visualizações[6]. A trilha sonora de louvor cria uma atmosfera emocionante, que acompanha a exploração da imagem de uma adolescente e ajuda a disseminar um discurso de cura divina da lesbianidade. Assim como esse, vários outros vídeos de renúncia à lesbianidade circulam no *TikTok*[7], reiterando e produzindo sentidos que relacionam a homossexualidade ao pecado, ao mesmo tempo em que reforçam discursos religiosos de renúncia e salvação.

O que se observa nesses vídeos não é a ausência de discurso sobre a sexualidade, mas, ao contrário, sua exposição contínua, ritualizada e moralmente orientada. Essa constatação

[6] Números referentes a janeiro de 2026.

[7] Embora o *TikTok* seja mencionado de forma central, é importante destacar que conteúdos semelhantes também circulam em outras plataformas digitais, mas optamos por concentrar a reflexão nesta única plataforma, de modo a garantir maior consistência às especificidades sociotécnicas que organizam a produção, circulação e visibilidade dos conteúdos.

aproxima-se da crítica à hipótese repressiva formulada por Michel Foucault em *História da Sexualidade* (1993), em que o autor questiona o argumento de que haveria um regime de repressão e um silenciamento crescentes no que se refere ao sexo e à sexualidade a partir do século XVII. O autor defende a existência de um regime de poder-saber-prazer que sustenta o discurso sobre a sexualidade. Em outros termos, a sexualidade não é escondida, mas aparece a partir de uma proliferação de discursos autorizados específicos. Foucault (1993) propõe, então, a noção de dispositivo da sexualidade que "mesmo que se apoie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas" (Foucault, 1993, p. 48). Ou seja, o regime que constitui as sexualidades é produtivo, não apenas meramente repressivo ou punitivo.

Nesse sentido, a noção de dispositivo complexifica as formas como compreendemos não só a atuação do poder no que se refere a gênero e sexualidade, como também sua penetrabilidade no cotidiano. Nas palavras do autor, "o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" (1993, p. 8). Além disso, paradoxalmente, o poder se exerce ao mesmo tempo se tornando invisível e impondo uma visibilidade obrigatória sobre aqueles sobre os quais é exercido. Em outras palavras: evidencia-se pelos próprios corpos que governa.

Esse é o caso dos vídeos de que trataremos nesse artigo, que mobilizam as lesbianidades a partir de uma chave religiosa da renúncia. Trata-se, contudo, não de qualquer renúncia, mas de uma renúncia enunciada publicamente, performada em vídeo e veiculada no *TikTok*, capaz de alcançar, potencialmente, milhares de pessoas e de produzir efeitos normativos para além do espaço religioso imediato. Assim, defendemos que as formas de aparição das sexualidades dissidentes são impactadas pelas lógicas das plataformas de mídias sociais, em que diversos discursos sobre elas são produzidos e passam a circular em larga escala, seguindo ditames algorítmicos.

Nos interessa, portanto, não só investigar a produção de sentidos sobre lesbianidades em vídeos de mulheres que se descrevem como ex-lésbicas e que acionam discursos de ordem religiosa, especialmente evangélica, mas também discutir sobre como as particularidades da plataforma, com suas características específicas e também de possibilidades para a produção e circulação dos conteúdos tornam-se parte da constituição

normativa da sexualidade. Além disso, voltamos nossa atenção também aos vídeos em resposta a essa onda, que se apropriam dos seus áudios, narrativas e formatos de edição para questionar e reafirmar a lesbianidade para além de um enquadramento a partir da imoralidade e do pecado.

É importante mencionar que, neste trabalho, nos concentramos especificamente na renúncia das lesbianidades, por compreendermos que há expectativas sociais específicas que recaem sobre corpos lidos socialmente como de mulheres[8], como as relacionadas ao papel de esposa no casamento heterossexual e à maternidade.

Os vídeos que acionamos ao longo desse texto foram definidos a partir da busca de quatro termos na ferramenta de pesquisa do *TikTok*: *ex-lésbica*, *renúncia LGBT*, *renúncia da homossexualidade* e *renúncia lésbica*. Essa pesquisa retornou 39 vídeos que, ao assistirmos, notamos que poderiam ser divididos em dois grupos: 30 vídeos que abordavam a renúncia à lesbianidade como algo desejável e 9 que criticavam esse tipo de produção de alguma forma, subvertendo o discurso. Esta última categoria engloba os vídeos que notadamente atuam contrariando a proposta original da tendência, mobilizando sentidos de resistência.

Assim, o caminho metodológico adotado propiciou a criação de categorias a partir do fenômeno investigado, com a intenção de apreendê-lo de maneira mais ampla e possibilitando que o próprio material empírico orientasse o movimento analítico. Para tanto, partimos das proposições dos Estudos de Plataforma, que ressaltam o caráter sociotécnico – em que há uma relação intrínseca entre as dimensões sociais e os aspectos técnicos – desses ambientes (Dijck, Poell & de Waal, 2018). Desse modo, consideramos essas diversas articulações – entre contexto social, plataforma e conteúdos produzidos – como constitutiva dos discursos observados.

Na primeira categoria – referente aos vídeos que abordam a renúncia das lesbianidades – observamos dois tipos de produções predominantes: as de "antes e depois", que fazem uso sobretudo de imagens de mulheres em momentos nos quais afirmam sua lesbianidade e, posteriormente, sua renúncia; e as de testemunhos construídos sob a forma de relatos, nas quais as participantes narram de forma detalhada suas experiências de renúncia. Já os vídeos que apresentam críticas aos conteúdos, compreendidos aqui como discursos de

[8] É relevante explicitar que a lesbianidade não está, necessariamente, atrelada à identidade mulher. Pessoas trans e não binárias, por exemplo, que não reivindicam essa categoria, podem se afirmar enquanto lésbicas e sapatonas (Silveira-Barbosa *et al*, 2025).

resistência, realizam isso de três formas: se apropriando ironicamente do primeiro conteúdo; invertendo a narrativa original de renúncia da lesbianidade para renúncia da heterossexualidade; ou utilizando do discurso religioso, mas de forma a afirmar a orientação sexual considerada dissidente.

Ao abordarmos os vídeos[9] ao longo deste artigo não temos a intenção de sistematizar quantitativamente o material coletado, mas sim de evidenciar pontos de destaque nos conteúdos que explicitam as articulações do discurso conservador e cristão com as narrativas de renúncia das lesbianidades, trazendo à tona também as lógicas próprias das configurações de produção e circulação presentes no *TikTok*, buscando compreender como as características dessa plataforma também atuam na constituição mesma dos discursos sobre as lesbianidades abordados nas produções.

As discussões aqui apresentadas se organizam da seguinte forma: em um primeiro momento, abordamos a dimensão sociotécnica do fenômeno, detendo-nos sobre a plataforma estudada e sobre algumas implicações da renúncia situada no contexto da plataformização. Posteriormente, discutimos teoricamente o conservadorismo e as dinâmicas do âmbito religioso. As duas seções seguintes tratam, consecutivamente, da primeira categoria de vídeos, em que as produções afirmam a renúncia às lesbianidades como um caminho louvável, e, na sequência, da segunda categoria, que questiona e subverte este primeiro discurso. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 2. O TikTok como púlpito digital do discurso religioso

Para tratar do fenômeno aqui estudado, cabe situá-lo em seu contexto de produção e circulação, mais especificamente no *TikTok*. Esse movimento é relevante na medida em que o fenômeno da renúncia à sexualidade não ocorre de forma dissociada das características e das condições próprias da plataformização da sociedade (Van Dijck, Poell & de Waal, 2018). Nesse contexto, as plataformas assumem posição central nas práticas sociais, ao mesmo tempo em que as estruturam e são estruturadas por elas, evidenciando uma dinâmica de mútua constituição (Van Dijck, Poell & de Waal, 2018). Diante disso, entendemos que nosso

[9] Optamos por não identificar os perfis em que os vídeos foram publicados para respeitar as dimensões éticas da pesquisa em mídias sociais. Entendemos, a partir de Boyd (2010), que, ainda que os perfis sejam abertos, não podemos considerá-los dados públicos. Com isso, evitamos expor as pessoas presentes nos conteúdos e não contribuímos para a visibilidade desses vídeos com discurso homofóbico.

recorte empírico se situa em um contexto mais amplo, tanto em termos da plataforma quanto em relação à guinada conservadora, na qual discursos religiosos e moralizantes encontram nas plataformas digitais condições favoráveis para sua circulação e legitimação.

Ao discorrer sobre a articulação entre o conservadorismo e as plataformas digitais, salientamos que não elas não se tratam de espaços neutros de mediação, mas operam segundo lógicas próprias de visibilidade e circulação de conteúdos. Para além disso, as plataformas também produzem hierarquias e desigualdades que atravessam os sujeitos e suas práticas. Assim, compreendemos que o contexto da plataformização da sociedade (Dijck, Poell, & de Waal, 2018) não opera de maneira estritamente técnica, haja vista que se trata de uma dinâmica sociotécnica que articula interesses econômicos globais, disputas políticas e formas cotidianas de interação. É nesse cenário que se insere o *TikTok*, cujas lógicas de funcionamento e modos de uso participam ativamente da produção, circulação e legitimação de determinados discursos e práticas.

O *TikTok*, reconhecido como uma das plataformas mais influentes da atualidade, consolidou-se globalmente a partir de sua proposta de vídeos curtos, envolventes e facilmente compartilháveis, capazes de gerar altos níveis de engajamento e visibilidade (Faltesek *et al*., 2023). Esses vídeos possuem diversos formatos, como dublagens (*lip-syncs*), *trends* baseadas em áudios reutilizáveis, relatos pessoais ou testemunhos, tutoriais, além de composições híbridas que articulam texto na tela, trilhas sonoras, imagens e edições rápidas.

Nos formatos que circulam na plataforma, observa-se o que Zulli e Zulli (2020) apontam ao afirmar que o *TikTok* opera, em termos gerais, a partir de uma lógica de replicação e imitação. Na prática, isso significa que determinados formatos de vídeo são reiteradamente apropriados, adaptados e postos em circulação, fazendo com que estilos de performance, modos de dizer e enquadramentos de experiência se estabilizem e ganhem reconhecimento dentro da plataforma. A repetição e a imitação, enquanto mecanismos performativos centrais, materializam-se de diferentes formas nos vídeos que encontramos, seja na repetição sonora e afetiva de músicas religiosas; na reiteração formal do gênero testemunhal – que confere um *script* que é tecido em torno do sofrimento – e/ou no recorte, fragmentação e replicação de formatos midiáticos. Esses recursos atuam conjuntamente e de diferentes formas dando uma roupagem similar aos vídeos.

Nesse ecossistema, percebe-se que o *TikTok* se coloca enquanto uma espécie de "púlpito digital", em que práticas discursivas religiosas e moralizantes são adaptadas à lógica

do engajamento, alcançando escala, legitimidade e, ainda, sendo replicadas. Essa lógica de repetição, fortemente ancorada na exposição e na centralidade dos corpos, aproxima-nos da noção de performatividade proposta por Butler (2017). Para a autoria, gênero e sexualidade não constituem expressões naturais ou essências fixas, mas são produzidos como efeitos da repetição contínua de normas sociais que se materializam por meio de atos, discursos e práticas corporais. É justamente a reiteração dessas normas que lhes confere aparência de naturalidade e estabilidade, ainda que, paradoxalmente, essa mesma repetição também possa abrir brechas para ressignificações e resistências.

Podemos aproximar essa noção de Butler (2017) das lógicas da plataforma *TikTok,* devido à repetição que lhe é característica, entendendo-a enquanto uma ambiência que contribui para a dimensão performativa, em que determinadas formas de ser, experiências e modos de narrar a si mesmo são continuamente reiteradas. Trata-se, portanto, de uma dinâmica sociotécnica na qual plataforma e sujeitos se conformam mutuamente: ao mesmo tempo em que o *TikTok* oferece os meios técnicos para a circulação de determinados discursos, as representações normativas reiteradas alimentam o engajamento, reforçando sua visibilidade algorítmica.

Essa conformação mútua ressoa com a observação de Van Dijck (2013, p. 4) de que as plataformas digitais influenciam e são influenciadas pelas interações humanas em todos os níveis, fazendo com que os mundos *offline e online* estejam cada vez mais conectados. Nesse ecossistema, a performatividade descrita por Butler (2017) é potencializada pela infraestrutura da plataforma, que catalisa e dá escala à repetição de normas.

Essa constatação, no entanto, não deve nos levar à conclusão de que as normas em si sejam uma criação situada no âmbito digital. Como afirmado por Miller e Horst (2021), o digital é parte de uma vida cotidiana enquadrada, na qual práticas culturais já existentes se tornam mais visíveis por meio da mediação tecnológica. Desse modo, os discursos de renúncia da sexualidade, por exemplo, não surgem no *TikTok*, mas encontram na plataforma um espaço privilegiado para sua visibilidade, circulação e reiteração performativa, em que a repetição que constitui a norma também pode, contraditoriamente, abrir espaço para sua contestação.

É justamente nesse cenário de intensificação e circulação ampliada de normas já sedimentadas que determinados grupos políticos passam a operar de modo estratégico. Schradie (2019), nesse sentido, argumenta que a direita é particularmente eficaz em

transformar valores morais em conteúdo digital acionável. No caso em estudo, nota-se que a renúncia à sexualidade é enquadrada por essa lógica: a estética do *TikTok* (testemunhos pessoais, músicas...) é apropriada para tornar discursos moralizantes palatáveis e "compartilháveis". Isso cria o que Schradie (2019) chama de uma "bolha de informação" em que a circulação desses vídeos reforça a identidade do grupo conservador. O fenômeno da renúncia à lesbianidade no *TikTok,* assim, não pode ser dissociado da operação desse "púlpito digital". Nele, confluem a lógica de replicação performativa da plataforma, o gênero testemunhal como formato privilegiado, a circulação de materiais que favorece conteúdos de alta carga emocional (Pavesi; Valentim, 2019) e a eficácia organizacional de grupos conservadores (Schradie, 2019) em traduzir dogmas em conteúdos "compartilháveis".

## 3. Conservadorismo, discurso religioso e a condenação das lesbianidades

Como antecipamos, os discursos conservadores religiosos contra as lesbianidades não surgem com as plataformas de mídias sociais, nem dependem exclusivamente delas para se propagarem. As questões reprodutivas e de gênero vêm sendo mobilizadas para a associação política entre direita secular e direita cristã desde a segunda metade do século XX (Lacerda, 2018). Mais especificamente, a demonização das sexualidades e de gêneros dissidentes se inscreve historicamente no interior do discurso católico, sendo posteriormente apropriada por setores evangélicos e por segmentos da direita política contemporânea (Butler, 2024).

Joseph Ratzinger, eleito Papa Bento XVI em 2005, já defendia desde os anos 90 a existência de uma distinção natural entre masculino e feminino, concebidos como polos complementares instituídos por Deus. Essa formulação sustenta a ideia de que homem e mulher ocupam lugares ontologicamente distintos e mutuamente necessários no interior da matriz heterossexual cristã. Seu sucessor, Jorge Bergoglio (Papa Francisco), manteve essa orientação ao se posicionar contra políticas educacionais que reconhecem a diversidade de gêneros e sexualidades. A visibilização de percursos dissidentes é, nesse enquadramento, interpretada como ameaça à ordem divina. Como observa Butler (2024, p. 46), Bergoglio chegou a afirmar que defensores do gênero procuram "roubar os poderes de Deus", inscrevendo-os, assim, em uma lógica de transgressão demoníaca. A discriminação de identidades e práticas não normativas passa a ser reivindicada, portanto, como exercício

legítimo de liberdade religiosa, em que sexualidades e identidades dissidentes figuram como desvios da forma adequada do humano (Butler, 2024).

A doutrina da complementariedade entre homem e mulher defendida pela Igreja articula-se à hierarquia do sexo descrita em Rubin (2017), na qual o casal heterossexual, monogâmico e reprodutivo ocupa o topo da escala de legitimidade. Mary Anne Case (2016) defende que essa complementariedade não é uma ortodoxia católica de longa data, mas sim uma invenção, uma inovação doutrinária de meados do século XX. Segundo a autora, essa posição doutrinária foi desenvolvida como reação institucional às demandas feministas e às lutas por reconhecimento dos relacionamentos homossexuais — uma resposta estratégica para conciliar a igualdade de dignidade com a manutenção de esferas separadas para homens e mulheres. Masculino e feminino, concebidos como atributos intrínsecos ao sexo binário, reiteram a indissociabilidade entre diferença sexual, família e reprodução natural.

Ao definir o casamento heterossexual como fundamento da ordem social, o Vaticano, seria responsável por dar início à proliferação discursiva antigênero contemporânea (Butler, 2024), que tem promovido não só a aproximação de católicos e evangélicos de direita na defesa da discriminação de pessoas LGBTQIAPN+ e na limitação de direitos reprodutivos, como alimenta a circulação transacional de discursos políticos conservadores (Lacerda, 2018; Butler, 2024). No Brasil, parlamentares evangélicos protagonizaram ofensivas legislativas contra o reconhecimento da união homoafetiva (PL 6583/2013) e a favor de terapias de reversão sexual (PDC 234/2011). Tais cruzadas moralistas associam problemas sociais a uma suposta decadência moral e promovem a família heterossexual como solução (Lacerda, 2018).

A circulação de discursos de renúncia e conversão sexual por lésbicas e bissexuais nas plataformas de mídias sociais, desse modo, evidencia processos de subjetivação atravessados pela crença em comportamentos definidos como naturais e desejáveis para as mulheres, como se a elas coubesse um papel específico na orientação moral e sexual da família, em consonância com a lógica católica da complementaridade. Atrelada a isso, a doutrina da batalha espiritual, conceito predominante em meios neopentecostais, desvia a discussão das injustiças estruturais para as pautas de costumes, já que atribui todo o mal presente no mundo ao demônio, que não só provoca desastres e mazelas sociais, mas também incentiva atitudes consideradas pecaminosas, como a homossexualidade (Manso, 2023, p. 30). Assim, a pessoa

homossexual é projetada como alguém que deve ser salva das garras do demônio para, desse modo, deixar de ser uma encarnação do mal.

Nesse sentido, a noção de renúncia para doutrina cristã não consistiria em uma anulação da vontade do sujeito, mas em uma transformação espiritual que aproxima o fiel da verdadeira vontade de Deus. Tal aspecto pode ser exemplificado pelo versículo de Mateus (16, 25) que diz: "quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la". Ou seja, pensando no cenário aqui estudado, renunciar à lesbianidade é abrir mão da vida que você leva hoje para levar a vida que Deus planejou para você.

Essa renúncia anunciada publicamente se articula à noção de confissão que, segundo Foucault (1993), é um dos principais mecanismos de proliferação de discursos sobre a sexualidade. Assim, para produzir um discurso verdadeiro sobre si mesmo, o sujeito precisa confessar e, desse modo, na medida em que fala de si (e produz verdade), o sujeito pode ser, finalmente, normalizado. Nos vídeos que encontramos, a confissão também aparece como um mecanismo central, atrelada à renúncia. A confissão da renúncia da lesbianidade constitui, portanto, os discursos sobre as lesbianidades que circulam no *TikTok*, conforme veremos a seguir.

## 4. Ex-lésbicas, moral cristã e produção de sentidos sobre lesbianidades

Retomando o vídeo com que abrimos este artigo, em que uma adolescente é exposta para que o pastor divulgue seu suposto poder de "salvação" de homossexuais, é possível observar que a produção destoa do formato dos demais vídeos analisados. Não se trata de um testemunho relatado pela própria participante, mas de uma situação marcada por coerção. Além disso, o vídeo se destaca por ser um dos mais violentos, já que explicita o papel central que discursos religiosos cristãos desempenham na regulação das sexualidades. Essa regulação, especificamente no que diz respeito às lesbianidades, tem a ver com a vigilância característica do conservadorismo cristão sobre as questões reprodutivas e de gênero, como pontuamos anteriormente.

As falas proferidas pelo pastor exemplificam um cristianismo punitivista, que opera a partir da noção de batalha espiritual e que incide de modo particular sobre as lésbicas. O trecho "Vai casar com homem e vai ter filhos! A partir de hoje vai se vestir igual mulher",

por exemplo, é explicativo no sentido em que compila simultaneamente três expectativas sociais atribuídas às mulheres: a do casamento heterossexual, da reprodução e da performance de gênero alinhada aos padrões de feminilidade normativa. Assim, considerando que o conservadorismo cristão tem na mulher (e em seu alinhamento às normas patriarcais e heteronormativas) um dos principais pilares da família tradicional, as lésbicas são constantemente coagidas a retornarem ao ideal normativo, especialmente no âmbito religioso, por romperem com essas expectativas.

Desse modo, com narrativas semelhantes às deste, encontramos outros 29 vídeos – que constituem a maior parte das produções abordadas nesse artigo – em que podemos notar o papel da religiosidade cristã em classificar determinados desejos como legítimos ou desviantes, aceitáveis ou passíveis de renúncia. Um aspecto importante de ser pontuado é que a heterossexualidade, ao ocupar o lugar da sexualidade normativa, sequer é nomeada explicitamente nos vídeos, embora seja apresentada como o objetivo final a ser alcançado. Conforme as proposições de Jota Mombaça (2021), a não marcação da norma evidencia sua posição privilegiada de não ser submetida a questionamentos, isto é, seu conforto ontológico. Por outro lado, as experiências lésbicas, além de serem nomeadas (seja por meio do relato verbal, descritivo ou visual), são marcadas como anormalidades que precisam ser corrigidas.

Essa indicação de anormalidade fica evidente nos vídeos de "antes e depois". Em um deles são apresentadas, inicialmente, diversas imagens de uma mulher de cabelo curto, utilizando bermudas e regatas largas – que deixam à mostra suas tatuagens –, além de bonés e *piercings*. Na sequência, a mesma pessoa aparece em uma série de imagens que a associam à feminilidade normativa, com cabelos longos, vestidos compridos e que escondem suas tatuagens, maquiagens e acessórios como brincos e colares. Após sua adequação aos padrões normativos de gênero, ela aparece como pastora contando seu testemunho aos fiéis. O modo de construção dessa narrativa evidencia que, para a Igreja – bem como para boa parte da sociedade – há uma legitimação da maneira adequada de "ser mulher" (Natividade, 2006), que funciona como um critério de aceitabilidade.

Os vídeos de "antes e depois", portanto, evidenciam a passagem de masculinidade à feminilidade – vinculadas, respectivamente, à identidade lésbica e à sua renúncia – explicitando a lógica de que a masculinidade feminina (Halberstam, 2008) é construída como um marcador visível da dissidência, enquanto a feminilidade hegemônica aparece como evidência de uma suposta cura, na medida em que se aproxima dos padrões heteronormativos

e da aparência idealizada para se adequar ao desejo masculino. Nesses vídeos, à medida em que a feminilidade normativa emerge materializada nos corpos, nos parece que o desvio de sexualidade automaticamente deixa de fazer parte dele.

É como se a lesbianidade estivesse necessariamente atrelada à uma masculinidade e, por isso, torna-se um problema ainda maior para a moral religiosa. Nas produções, a masculinidade é construída por meio de elementos como bonés, camisas e bermudas largas, tatuagens e cabelos curtos, que, embora sejam socialmente vinculados à masculinidade normativa, podem ser apropriados e transformados em uma multiplicidade de masculinidades que escapam do modelo dominante (Halberstam, 2008). Desse modo, observa-se que a performance de gênero normativa, constitutiva da heteronormatividade, atua como um dispositivo de contenção das dissidências no âmbito do conservadorismo cristão.

A renúncia à sexualidade dissidente, então, é apresentada como uma possibilidade de se aproximar dos padrões heteronormativos, de se libertar da vida do pecado, bem como de alcançar a graça divina ofertada a todos aqueles que seguem no caminho do Senhor. A renúncia à lesbianidade explicitada nos vídeos, assim, ancora-se no intuito de abdicar da própria sexualidade – algo marcado por sofrimento – para encontrar legitimidade no âmbito religioso. Isso é perceptível, por exemplo, em trechos como: “tem 6 anos que luto contra a homossexualidade” e “tive que renunciar… foi muito dolorido, tive que dizer adeus para uma menina que eu estava muito a fim na época” Essas falas, retiradas dos vídeos encontrados, têm em comum a percepção de que a lesbianidade é um erro, algo condenável, que fere as leis religiosas e que, portanto, deve ser repreendida.

Embora fundamentada na dor e no apagamento próprio, a renúncia é um voto visto como louvável, uma vez que, no discurso cristão, somente a partir dela é que os corpos dissidentes serão salvos. Isso é perceptível em alguns comentários que afirmam coisas como: “amei ver esse vídeo, me confortou muito. por favor não pare…”; “vc é livre agora, glória a Deus” e “me afastei, me assumi. Mas percebi que não conseguia viver longe dEle… tomei a decisão de voltar e… não é fácil. Seu vídeo foi resposta de oração”. Esses comentários atuam na lógica da mídia social como mecanismos de validação da prática conservadora da renúncia presentes nas produções. Além disso, favorecem a circulação desse tipo de vídeo, especialmente entre pessoas que já possuem uma adesão a esses discursos, uma vez que quanto mais interações uma publicação recebe, maior visibilidade ela ganha na plataforma e maior a chance de aparecer para quem já interagiu com um conteúdo semelhante.

Outro elemento que adiciona camadas a esse fenômeno são os recursos sonoros utilizados nas produções. Músicas com trechos como "Aquilo que parecia impossível, aquilo que parecia não ter saída, aquilo que parecia ser minha morte, Jesus mudou minha sorte, sou um milagre" e "A sua vida vai mudar quando você entender que o único caminho é seguir Jesus. Você vai conseguir, Deus vai te ajudar, vai realizar todos os seus sonhos, se você mudar, se acreditar, a vida é difícil, é preciso lutar" explicitam que a experiência lésbica é compreendida como algo que representa o fim, a morte e, por isso, é necessário lutar contra, pois só assim será possível se libertar. Essa construção, articulada aos recursos visuais utilizados nos vídeos de "antes e depois", constituem narrativas que supervalorizam a heterossexualidade e o casamento cristão, ao mesmo tempo que culpabilizam a lesbianidade, materializada enquanto o "pecado da carne".

É relevante destacar que a articulação entre canções religiosas e recursos visuais aparece de forma semelhante e repetida em vários vídeos, o que evidencia as lógicas de replicabilidade do *TikTok* e cria uma "marca" característica da narrativa, que além de tornar os vídeos facilmente identificáveis como componentes do discurso cristão, estimula outros perfis a publicarem vídeos seguindo essa mesma lógica. Essa semelhança entre as narrativas dos vídeos as torna mais compartilháveis, uma vez que a lógica é favorecida pelas dinâmicas de visualização da plataforma, que tendem a sugerir aos usuários vídeos semelhantes entre si.

As legendas desses vídeos também são fatores que impulsionam os discursos cristãos, especialmente tendo em vista que não se limitam à função descritiva, mas atuam como enunciados que promovem o engajamento, reforçam sentidos narrativos e podem ressignificar as imagens sob uma cultura participativa (Jenkins, 2015). Nos vídeos identificados observamos que as legendas são marcadas pelo uso predominante de *hashtags* como #Jesus, #ex-lésbica, #testemunho, #evangelho, #gospel, #verdade e #renúncia, o que, além de possibilitar a configuração de sentidos às lesbianidades no nicho religioso, opera como um indexador do ambiente algorítmico do *TikTok* (Lopes, Rodrigues, Mandaji, 2025). Assim, é possível perceber que a narrativa de salvação divina ganha força com as próprias configurações da plataforma, que impulsionam a visibilidade desse tipo de conteúdo e o direcionam para usuários que já o consomem.

Outro aspecto que nos chama atenção nas produções encontradas é a mobilização de dualismos clássicos do pensamento cristão, como corpo/alma, carne/espírito, mundo/céu, salvação/inferno, pecado/libertação, prazer/santidade e tentação/pureza. A homossexualidade,

ao ser considerada uma prática dissidente, antinatural, geralmente está posicionada no polo negativo desses binarismos (Natividade, 2006). Em um vídeo que explicita essa lógica dicotômica vemos uma caixinha de perguntas – recurso de interação entre usuários possibilitado pelas mídias sociais – com o seguinte questionamento: "você realmente perdeu a atração pelo mesmo sexo?". Ao responder a pergunta, a influenciadora afirma: "para a alegria do céu e tristeza do inferno, sim". Tal resposta evidencia a associação entre heterossexualidade-divina e homossexualidade-condenável, bem como explicita que os próprios recursos disponibilizados pela plataforma favorecem o vínculo e a interação entre criadores de conteúdo e audiência, o que, neste contexto especificamente, pode fortalecer a confiança dos usuários no discurso religioso proferido pela influenciadora.

Além disso, a própria arquitetura da plataforma, ao priorizar e promover narrativas curtas, polarizadas e de fácil reconhecimento, incentiva a simplificação de discursos e a organização dicotômica do mundo, no qual o fenômeno da renúncia da homossexualidade é comumente enquadrado em pares de opostos. Essa simplificação binária, por sua vez, mobiliza emoções, de algum modo, exacerbadas. Esse sistema tende a favorecer conteúdos que possuem densa carga afetiva e emocional (Pavesi, Valetim, 2019) e, no caso do tema que tratamos aqui, a própria estrutura dual (pecado/salvação, erro/correção etc.) é sustentada por afetos como culpa, esperança e medo, que funcionam como potencializadores para a circulação e o engajamento com esses conteúdos na plataforma.

A heterossexualidade, por sua vez, para além de ser considerada a única expressão sexual legítima e correta (Rubin, 2017), aparece nos conteúdos também como "salvação" da lesbianidade. Isso é notório em vídeos em que o matrimônio aparece como uma conquista da mulher que não ocupa mais o lugar da dissidência sexual. É possível notar tal aspecto em falas como: "Eu peço a Jesus todos os dias: Jesus, manda meu varão. Jesus, eu quero meu varão. O senhor já me deu o sonho de que vou ter uma menina e uma menina, mas cadê o varão?". No contexto desta produção, a pessoa que se afirma ex-lésbica é entrevistada em um programa e aborda não apenas o tema sobre sua renúncia sexual, mas também discorre sobre o cumprimento das expectativas sociais atribuídas às mulheres, como observamos no questionamento: "você pretende permanecer a sua vida sem conhecer um varão, ou você quer constituir família… ter filhos?". Essa construção narrativa evidencia os imbricamentos da Igreja com o sistema heteropatriarcal que, de acordo com Federici (2017), tem o intuito de se

apropriar da sexualidade das mulheres para que sirvam a favor dos fins reprodutivos e dos homens, tornando a imposição social do matrimônio um de seus principais aliados.

Em outra produção, a autora do vídeo, aparentemente uma jovem menor de idade, relata que decidiu renunciar a lesbianidade em um acampamento religioso, em que Deus colocou um homem em seu caminho. "Um homem que daqui um tempo vou, se Deus quiser, chamar de marido… que vai estar do meu lado e me ajudar a formar uma família sacerdotal, que vive debaixo da vontade de Deus". Tais discursos, ainda que enunciados por diferentes sujeitos e em contextos distintos, explicitam a construção social do casamento heterossexual como instância de salvação da dissidência sexual das lesbianidades, ao mesmo tempo em que reiteram a valorização das práticas sexuais apenas quando relacionadas ao casamento cristão e à procriação (Natividade, 2006).

O vídeo anteriormente descrito foi publicado em 2023. Depois dele, produções com a namorada atual da usuária ganharam destaque em seu perfil, inclusive com legendas de orgulho, o que possibilita a compreensão de que a jovem "abdicou" da renúncia. A partir disso, no vídeo que compõe nosso *corpus*, observamos comentários que indicam a percepção de que, ao não persistir na renúncia, a jovem "falhou" perante as leis de Deus, como se continuasse presa ao pecado que a lesbianidade significa. Esses discursos presentificam a retórica dogmática propagada pelo Vaticano, que alimenta discursos religiosos e conservadores pelo mundo, segundo a qual minorias sexuais e de gênero desafiam a vontade divina, destruindo a criação (Butler, 2024). O trecho "Que lindo. mas esse vídeo é antigo. vi no perfil dela q ela ainda não conseguiu se libertar. mas que Jesus a fortaleça e q possa ajudar" evidencia essa lógica. Isso mostra, ainda, as disputas em torno da renúncia às lesbianidades que circulam no *TikTok* e são afetadas por configurações da plataforma que permitem acessar todas as publicações de determinado perfil simultaneamente e averiguar se, nas mais recentes, a pessoa continua publicando vídeos seguindo a mesma narrativa, neste caso, seguindo as leis de Deus.

## 5. Renunciando à heterossexualidade

É necessário considerar que a própria dinâmica de produção, viralização e circulação de conteúdos no *TikTok* possibilita apropriações diversas pelos usuários. Ou seja, não apenas endossando pela repetição de um determinado formato de vídeo, como vimos nos vídeos de

mulheres que se consideram ex-lésbicas, mas também questionando e/ou utilizando de ironia nesse processo de apropriação. Assim, a busca realizada retornou nove vídeos com esse teor e que, ainda que em uma quantidade menor se comparado com os vídeos que aderem ao discurso religioso que encontramos, evidenciam as disputas em torno das sexualidades dissidentes presentes nessa plataforma.

Em um dos vídeos, uma jovem aparece se afastando da tela e gesticulando "não" com as mãos. À sua frente, visualizamos o texto: "quando eu falo que sou lésbica um pouco alto demais e a menina que 'renunciou' a sexualidade começa a andar pra perto de mim" ao som do trecho "*I don't wanna be friends*"[10], de *Bad Romance*, da cantora Lady Gaga. Tendo em vista a abordagem foucaultiana utilizada nesse artigo, esse e os demais vídeos desse eixo evidenciam as formas com que, mesmo no contexto heteronormativo, as resistências são possibilitadas e se relacionam diretamente às próprias lógicas normativas que constituem a dissidência e, ao mesmo tempo, fortalecem os limites entre o normativo e o dissidente.

Esse vídeo se soma a outros conteúdos que criticam o fenômeno da renúncia à lesbianidade de modo mais enfático. Em um deles, uma jovem afirma que esse tipo de discurso religioso dá força às práticas homofóbicas praticadas pela Igreja e atrapalha a luta da comunidade LGBTQAPN+, uma vez que inclui no imaginário social o entendimento de que a orientação sexual considerada dissidente é algo possível de conversão. A autora do vídeo também denuncia a sofisticação das técnicas de coerção cristãs, que constroem a narrativa de que "você tem que fazer tudo que eles mandam para ter o amor de Cristo", o que reforça nosso argumento de que as construções narrativas dos vídeos de renúncia à lesbianidade são norteadas pelo desejo de aceitação e pertencimento religioso dentro da moral cristã.

Também notamos que os vídeos de crítica aos conteúdos de renúncia operam a partir de uma lógica de repetição, tão característica do *TikTok*, conforme afirmam Zulli e Zulli (2020). Assim, diversos perfis produzem vídeos muito semelhantes, criando uma espécie de onda que se constitui a partir da lógica de bolhas, para usar o termo de Schradie (2019) de que tratamos anteriormente. Um caso emblemático são os vídeos de reação a um trecho de uma fala de uma pastora que conta que, quando era lésbica, conseguia qualquer mulher que ela quisesse nas festas que frequentava. A pastora descreve o que ocorria como algo diabólico e destaca que "até a mulher que ela queria o diabo me dava". Em nossa busca, encontramos

[10] "Eu não quero ser amiga" em tradução livre nossa.

vídeos de reação ao vídeo da entrevista com a pastora, que utilizavam o áudio do vídeo principal e adicionavam textos como "alguém sabe qual o ritual que tenho que fazer para conquistar isso?". Já uma influenciadora publicou um vídeo em que citava, entre risadas, alguns comentários que o vídeo principal recebeu, como "mas quais foram as palavras que você usou exatamente nesse pacto?" e "gente, mas o diabo não me trata bem assim".

Esse caso demonstra o que chamamos aqui de onda, uma vez que um vídeo catalizador propicia a criação de uma série de outros vídeos de reação ou réplica, que utilizam a imagem e/ou áudio do vídeo principal para novas produções que passam a circular na plataforma. Tal aspecto fica evidente quando vemos, por exemplo, um comentário no vídeo mobilizador que diz que chegou até ele depois do vídeo da influenciadora, destacando um circuito não linear de recepção: os usuários primeiro têm acesso ao vídeo de reação e buscam o vídeo principal, onde comentam no mesmo tom de deboche, ironia e questionamento presente nos vídeos de reação.

Outro tipo de vídeo comum consiste na inversão da narrativa dos vídeos de relatos longos de renúncia, trocando a renúncia da homossexualidade pela renúncia à heterossexualidade e mantendo os demais aspectos do discurso, como a indicação de jejum, oração e o afastamento dos amigos, nesse caso, heterossexuais. Diferentemente do discurso original que defende a realização dessas práticas especialmente na Igreja, nas produções de resistência, os lugares em que as demonstrações de "devoção homossexual" acontecem são associados ao público LGBTQIAPN+, como baladas voltadas à diversidade. Além disso, é possível notar a ironia na mobilização de discursos que socialmente são proferidos em relação à homossexualidade, como no trecho "O primeiro passo é você se livrar de todas as influências heterossexuais que existem na sua vida. Então pode ir se afastando de todos os seus amigos que te levam para o caminho do heterossexualismo", que faz referência à percepção social homofóbica de que a homossexualidade é uma prática contagiosa, "transmitida" por influência e contato com pessoas desviadas.

Ainda, como abordamos no tópico anterior, a estruturação de dualismos faz parte das lógicas cristãs, mas, nestes vídeos, a homossexualidade aparece associada ao que é positivo, desejável e correto, como na seguinte fala retirada de um dos vídeos encontrados: "depois que você se afastar dessas influências, seus pensamentos heterossexuais já vão diminuir [...] aí você vai ficar cada vez mais perto do verdadeiro plano divino, que é ser sapatão ou ser gay, o plano certo e que está na Bíblia". Assim, ao mobilizar a mesma base argumentativa para

defender o contrário, o vídeo também evidencia o quão absurdos são esses discursos que demonizam determinadas experiências enquanto validam apenas uma forma normativa de vida. No entanto, também é pertinente apontar que tais formulações dicotômicas se beneficiam das características de circulação dessa plataforma, uma vez que, cada tipo de argumento tende a circular entre usuários que já estão propensos a concordar com ele (e provavelmente já interagiram com outros vídeos do tipo) e, dessa forma, essas dicotomias ganham ainda mais força, cada uma em um nicho diferente.

Nessa mesma linha, nos chamou atenção uma série de vídeos que começam da mesma forma que os vídeos de renúncia, utilizando frases que remetem ao questionamento da impossibilidade de ser ex-lésbica, com imagens da pessoa do vídeo em outra fase da vida e, logo após, apresenta imagens que mostram que a pessoa transicionou (ao invés de começar a frequentar cultos religiosos, como na narrativa comum dos vídeos de renúncia). No caso desses vídeos, menos do que se afirmar fora da lesbianidade, há a busca por invalidar o discurso religioso da renúncia. Além disso, essas produções evidenciam uma articulação entre dissidências, uma vez que o discurso religioso condena tanto a lesbianidade como a transexualidade. Sendo assim, a dimensão de resistência desses vídeos é potencializada por essa intersecção.

Todos esses vídeos têm em comum uma espécie de apropriação irônica dos vídeos de renúncia que apresentamos anteriormente, seja utilizando áudio ou replicando uma forma narrativa para quebrar com a expectativa ao final. Contudo, também encontramos vídeos em que o discurso de ordem religiosa permanece, mas é utilizado para validar a lesbianidade da usuária que produziu o vídeo. É o que ocorre em um vídeo que mostra imagens de uma jovem na igreja, participando de diversos momentos de socialização no meio cristão, com um trecho de uma música gospel chamada *O fogo arderá*, de Alexsander Lúcio, que diz: “de que vale ter as poesias mais lindas, as harmonias mais brilhantes, se não há verdade em nós”. Quando a música diz “se não há verdade em nós”, a jovem aparece com a bandeira LGBTQIAPN+, evidenciando que aquela era a sua verdade. Assim, não há, aqui, uma ironia, mas uma tentativa de mostrar que a lesbianidade não é, em si, pecaminosa ou imoral, algo a ser renunciado. Esse tipo de enunciação é recorrente em perfis de pastoras lésbicas, como o de Lanna Holder, que reúne mais de 40 mil seguidores na plataforma e produz conteúdos voltados à conciliação entre religiosidade cristã e dissidência sexual. Vemos, portanto, que

não há uma conformação absoluta a um ideário religioso homofóbico em circulação nessa plataforma, mas disputas que dividem a mesma ambiência.

## 6. Considerações finais

Mais do que um "aplicativo das dancinhas", como é cotidianamente descrito, o *TikTok* constitui um espaço paradigmático da plataformização (Dijck, Poell & de Waal, 2018), que conforma e ativa a circulação de narrativas sobre corpos, desejos e moralidades. A infraestrutura técnico-afetiva da plataforma oferece, em última instância, o palco ou, como chamamos, o "púlpito digital" e o roteiro para que normas específicas sejam reiteradas publicamente em larga escala, naturalizando-se neste ecossistema midiático e plataformizado.

Ao assistirmos aos vídeos e identificarmos seus pontos em comum e divergentes, percebemos que a renúncia à sexualidade das lesbianidades nesta plataforma se configura em ondas, em que conteúdos religiosos e morais sobre sexualidade muito semelhantes entre si são publicados, diversos deles de forma articulada entre si (como é o caso dos vídeos de reação) e apresentam disputas múltiplas: a afirmação da renúncia às lesbianidades como caminho virtuoso e desejável que se relaciona diretamente aos discursos conservadores; as críticas que questionam, subvertem e/ou ironizam essa renúncia; e, ainda, a afirmação da compatibilidade entre fé e dissidência sexual. Essa multiplicidade evidencia que o *TikTok* se constitui enquanto um espaço que pode ser visto enquanto potencializador de tensões e deslocamentos, permitindo que diferentes versões da normatividade sobre os corpos circulem em um mesmo espaço.

No entanto, é importante reiterar que essa aparente diversidade de narrativas e discursos é mediada pelo caráter algorítmico da plataforma, que tende a segmentar o público de acordo com padrões de consumo pré-existentes. Como resultado, é improvável que uma mesma pessoa usuária seja exposta simultaneamente às diversas formas de abordagem identificadas, haja vista que o algoritmo privilegia conteúdos compatíveis com suas preferências, consolidando visões de mundo e reforçando normas hegemônicas.

Nossa argumentação nesse artigo também aponta para articulação possível entre a noção de performatividade de gênero de Butler (2017) e o papel das plataformas de mídias sociais, suas lógicas algorítmicas e características de produção, tão marcadas pela repetição e potencialização da circulação, na conformação normativa de gêneros e sexualidades na

contemporaneidade. Nesse sentido, nos vídeos apresentados, a repetição de gestos, discursos e formatos, amplificada pela lógica algorítmica da plataforma, além de contribuir para a estabilização de normas sobre gênero, sexualidade e moralidade, também delimita quais brechas de contestação ou reinterpretação são possíveis.

Compreender a sexualidade como indissociável da constituição normativa do gênero nos permite visualizar que as formas de aparição das sexualidades dissidentes são afetadas pelas lógicas das plataformas digitais, nas quais múltiplos discursos circulam globalmente, ainda que filtrados e segmentados pela agência algorítmica. Nos vídeos aqui mobilizados, a chave religiosa da renúncia organiza essas aparições, demonstrando como normas, afetos e verdades sobre os corpos se entrelaçam em práticas performativas mediadas tecnologicamente.

## Referências

BOYD, Danah. **Privacy and Publicity in the Context of Big Data**. In: WORLD WIDE WEB CONFERENCE (WWW), 19., 2010, Raleigh. Anais [...]. Raleigh, NC: International World Wide Web Conferences Steering Committee, 2010. Disponível em: https://bit.ly/4aKoRBt. Acesso em 2 jan. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Tradução Heici Regina. São Paulo: Boitempo, 2024.

CASE, Mary Anne. The role of the popes in the invention of complementarity and the Vatican's anathematization of gender. **Religion and Gender**, v. 6, n. 2, p. 155–172, 2016.

FALTESEK, Daniel; GRAALUM, Elizbeth; BREVING, Bailey; KNUDSEN, ElseLucia; LUCAS, Jessica; YOUNG, Sierra; VARAS ZAMBRANO, Felix Eduardo. TikTok as television. **Social Media+ Society**, v. 9, n. 3, 2023. Disponível em: https://bit.ly/4kJmbse. Acesso em 2 jan. 2026.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo. Elefante, 2017

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad Femenina**. Trad. Javier Sáez, Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

LACERDA, Marina Basso. **Neoconservadorismo de periferia**: articulação familista, punitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. 2018. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LOPES, Steyce; RODRIGUES, Maria Clara; MANDAJI, Carolina. "I wanna be yours": Uma análise dos sentidos dos edits do casal Jordana e Milena de Justiça 2 no TikTok. **Revista Ação Midiática**, *[S. l.]*, v. 30, n. 1, 2025. Disponível em: https://bit.ly/4tOimWW. Acesso em: 16 jan. 2026

MANSO, Bruno Paes. **A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI**. São Paulo: Todavia, 2023.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. Six principles for a digital anthropology. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather A. (org.). **Digital anthropology**. London: Routledge, 2021. p. 21–43.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** v.21, n.61, 2006.

PAVESI, Patrícia P.; VALENTIM, Julio. Emoção e Polarização nas e pelas Redes Digitais: a gestão de repertórios afetivos por públicos em rede. **Revista Sinais**, v. 2, n. 23, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3ZOtkxN. Acesso em 10 jan. 2026.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo.** 1ª ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCHRADIE, Jen. **The Revolution That Wasn't: How Digital Activism Favors Conservatives**. Cambridge: Harvard University Press, 2019. p. 153-155.

SILVEIRA-BARBOSA, Paula.; DO CARMO BARRETOS, Dayane.; BASTOS, Raabe.; DO CARMO XAVIER, Kellen.; ZILLER, Joana. Diálogos entre estudos lésbicos e teoria queer nos periódicos da Comunicação no Brasil. **Revista Eco-Pós**, *[S. l.]*, v. 28, n. 2, p. 223–249, 2025. DOI: 10.29146/eco-ps.v28i2.28492. Disponível em: https://bit.ly/4s2uS3k. Acesso em: 29 dez. 2025.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford university press, 2018.

ZULLI, Diana; ZULLI, David James. Extending the Internet meme: Conceptualizing technological mimesis and imitation publics on the TikTok platform. **New media & society**, v. 24, n. 8, p. 1872-1890, 2022. Disponível em: https://bit.ly/3Mph1VM. Acesso em 5 jan. 2026.